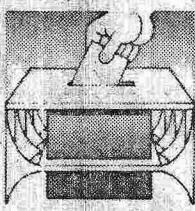




Inauguração da indústria automobilística no Brasil, em novembro de 59, e um mar de carros para exportação no pátio do porto do Rio de Janeiro: em 30 anos, o salto industrial

# O Brasil que desafia o novo presidente

**Com credenciais suficientes para participar do privilegiado clube dos países mais ricos do mundo, o País que o próximo presidente terá de assumir também compete com alguns índices constrangedores. Em 1987, o Brasil teve uma produção manufatureira**



**bem maior do que a do Canadá, mas tem uma renda per capita sete vezes inferior a de um cidadão canadense. Mesmo assim, foi o país que teve o crescimento mais rápido do PIB durante este século e é considerado como um dos melhores mercados para os próximos 20 anos**

LAURENTINO GOMES

**D**ono de uma montanha de 40 milhões de votos, o presidente que vencer nas urnas poderia comparecer à próxima reunião do Grupo dos Sete, como é conhecido o privilegiado clube dos países mais ricos do mundo, e pedir o lugar do primeiro-ministro do Canadá, Brian Mulroney, o último da fila nesse grupo. Para isso, o novo presidente eleito apresentaria as seguintes credenciais: no ano passado, o Brasil deu um salto de 30% nas suas exportações, foi o país que mais cresceu neste século e tornou-se há dois anos a 7ª potência industrial do planeta. Em 1987, a produção manufatureira do país foi de quase 85 bilhões de dólares, 10 bilhões maior que a do Canadá. Isso coloca o Brasil, pelo menos na teoria, à frente do Canadá e de países como China, Coreia, Suíça, Bélgica e Holanda.

O novo presidente só não vai poder tirar o lugar de Mulroney e comparecer à reunião dos Sete Grandes porque teria de levar junto também as seguintes e constrangedoras informações: o País é um dos re-

cordistas mundiais em inflação, tem indicadores sociais parecidos com os de Ruanda, na África, e piores que os da Índia e os do Paquistão, cada um de seus habitantes tem uma renda sete vezes inferior ao de um cidadão canadense. Isso coloca o Brasil no fim da fila dos países mais ricos do mundo, em companhia da Malásia, do México, do Djibouti e do Chile. Pela classificação das riquezas e da renda, o brasileiro médio está bem atrás dos habitantes de Hong Kong, Trinidad e Tobago, Suriname e Gabão.

Equilibrar esses dois brasis — o que virou 7ª potência industrial do planeta e o que vive um autêntico apartheid social — é a dura tarefa que um dos 21 candidatos que hoje se submetem ao voto dos brasileiros terá de enfrentar quando assumir a Presidência da República, no dia 15 de março de 1990.

## Pessimismo

Quando ocupar a cadeira que hoje é de Sarney, o novo presidente vai encontrar um país cujos cidadãos atravessaram nos últimos anos uma de suas mais agudas crises de pessimismo. Esse mesmo país, no entanto, exibe um desempenho

histórico que causa assombro na comunidade internacional.

Um estudo recente da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), que reúne os países mais desenvolvidos do mundo capitalista, mostra que o Brasil foi o país que obteve o crescimento mais rápido do Produto Interno Bruto (PIB) neste século. O PIB é um termômetro estatístico usado para medir o volume da produção de bens e serviços de um país durante um determinado período.

## Bom vendedor

Em 1950, o Brasil ocupava um modesto 48º lugar entre as economias do mundo e, pelos critérios do Banco Mundial, não merecia nem mesmo a classificação de país em desenvolvimento. Era um país pobre mesmo, que dependia vitalmente da ajuda que os países desenvolvidos davam ao Terceiro Mundo. Naquela época, o PIB era de apenas 16 bilhões de dólares, metade do total exportado pelo que o País fez no ano passado (34 bilhões de dólares).

O relatório anual da terceira maior empresa de consultoria do mundo, a Coopers & Lybrand, para 1989 define o Brasil

como um dos melhores mercados estratégicos nos próximos 20 anos, capaz de oferecer oportunidades melhores ainda que os próprios tigres asiáticos, como são chamadas as novas potências industriais da Ásia — Coreia do Sul, Cingapura, Taiwan e Hong-Kong. E dá quatro boas razões: grande mercado, suficiente potencial de investimento, economia com ampla base, que não depende de poucos produtos de exportação e, finalmente, vínculos globais e regionais.

Com atributos tão bons a longo prazo, o Brasil é, no entanto, um País que revela peculiaridades curiosas no final do governo Sarney. E, por exemplo, um lugar onde as pessoas e as empresas têm demonstrado uma surpreendente capacidade de convivência com a inflação, fenômeno cujas explicações fogem cada vez mais dos manuais de economia.

## Febre alta

"Antes eu achava que bastaria acabar com o déficit público para acabar com a inflação, mas hoje já não tenho certeza disso", repete o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, autor da política econômica

do feijão-com-arroz de Sarney e do fracassado Plano Verão. "No ano passado, se me dissessem que seria possível conviver com uma inflação de 30% ao mês, eu não acreditaria", conta o empresário alemão naturalizado brasileiro Wolfgang Sauer, ex-presidente da Autolatina, holding formada pela Volkswagen e pela Ford.

É evidente que nem o ministro Mailson nem o empresário Sauer desconhecem os efeitos perversos que a inflação causa às empresas, às pessoas e à economia do País, apesar da persistência com que os brasileiros enfrentam esse fenômeno há décadas. "Imaginar que o País pode conviver para sempre com inflação alta é como acreditar ser possível estabilizar a febre de um paciente em 39 graus", costuma dizer o ex-ministro da Fazenda e do Planejamento Mário Henrique Simonsen.

"A inflação só não tem sido mais devastadora para a economia brasileira porque a economia mundial está passando por uma fase de grande prosperidade", diz o economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central.

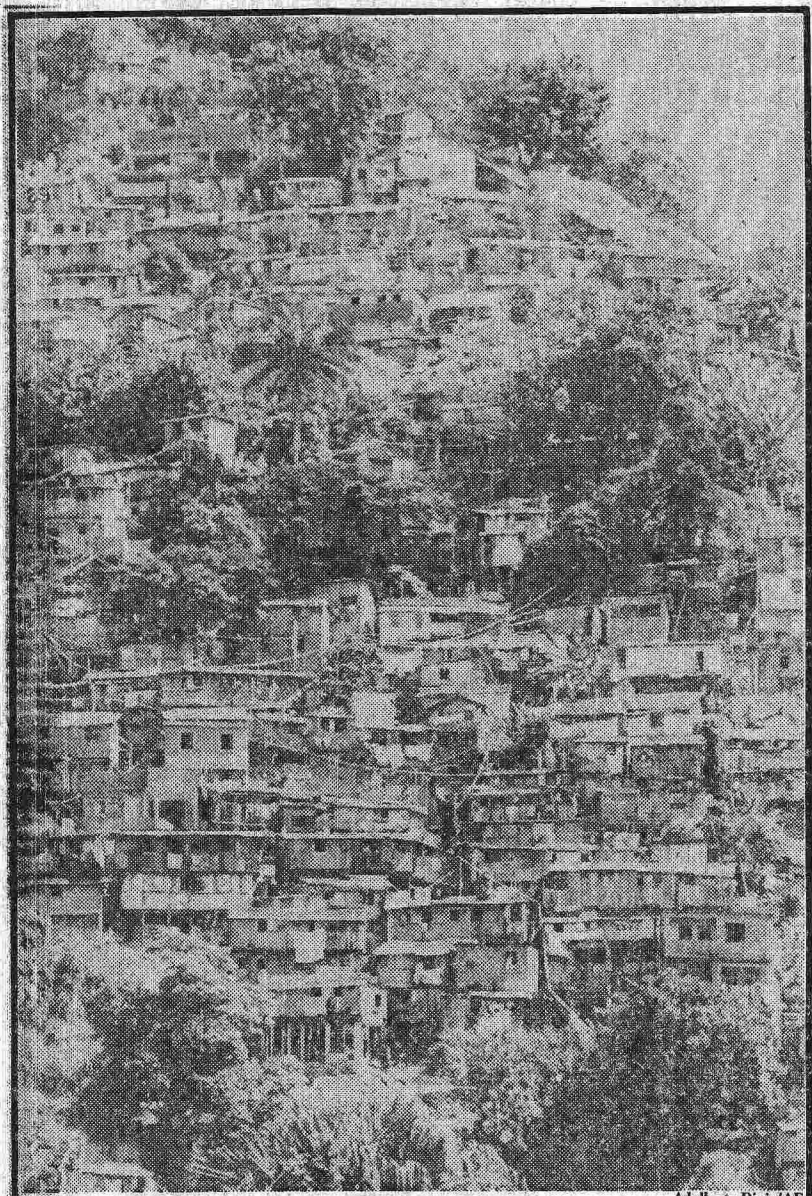
Pode-se divergir a respeito dos efeitos da inflação ou da capacidade de adaptação dos bra-

sileiros a esse fenômeno que, em outros países, pareceria absurdo. Num ponto, porém, todos concordam: a inflação brasileira é hoje alimentada por um monumental buraco na conta do governo. Esse buraco, que é conhecido como déficit público, é a diferença entre o que o governo arrecada e o que gasta. Só em 1988, o déficit ficou em torno de 13 bilhões de dólares, o equivalente a mais de 4% do PIB.

Para pagar suas contas, que vencem todos os dias como as dívidas de qualquer cidadão comum, o governo tem duas alternativas: fabricar mais dinheiro na Casa da Moeda ou emitir títulos da dívida pública para captar recursos privados no mercado financeiro. As duas geram inflação. A primeira aumenta o volume de moeda em circulação, sem que o País tenha uma reserva de divisas equivalentes. É o mesmo que uma pessoa sair distribuindo cheques de uma conta bancária que não tem fundos. Na segunda alternativa, para vender seus títulos no mercado, o governo precisa oferecer uma boa taxa de juros. Com isso, puxa os preços e todos os demais índices da economia para cima.

A consequência da ciranda financeira provocada pelo governo pode ser observada nas estatísticas do IBGE, que mostram uma dramática redução nos novos investimentos no Brasil. Em 1988, todos os investimentos feitos na economia brasileira chegaram a apenas 16% do PIB, o que corresponde a cerca de 42 bilhões de dólares.

"Essa é uma cifra trágica", diz o economista Winston Fritsch, professor do Departamento de Economia da Universidade Católica do Rio de Janeiro. "Para que o País continue a crescer na sua taxa histórica, de 6% ao ano, seria preciso investir pelo menos 22% do PIB", avalia. Isso quer dizer que o Brasil precisaria estar aplicando 84 bilhões de dólares em novos investimentos por ano, em vez dos atuais 42 bilhões. A diferença entre esses dois números está sustentando a dívida pública.



Adalberto Diniz/AE

## A explosão urbana

Em 1960, ano da eleição de Jânio Quadros, o Brasil era um país rural. Dos seus 70 milhões de habitantes, 38 milhões moravam no campo e 31 milhões viviam nas cidades. Em três décadas, o País enfrentou um acelerado processo de

êxodo rural, que inchou as cidades e transformou a periferia das grandes capitais, como o Rio (foto acima), em imensas e paupérrimas favelas. Essa transformação, que durou meio século na Inglaterra, aconteceu na metade do tempo no Brasil.

## O apartheid social

O País que há três anos bate recordes na produção agrícola, tem a sétima produção industrial do mundo e aumentou em 30% suas exportações no ano passado, convive com indicadores sociais que o tornam parecido com alguns países africanos e configuram um autêntico apartheid social entre seus 140 milhões de habitantes

O brasileiro médio tem uma renda sete vezes inferior à de um cidadão do Canadá. Pela classificação das riquezas e da renda, o brasileiro que hoje elege o presidente da República está bem atrás dos habitantes de Hong Kong, Trinidad e Tobago, Suriname e Gabão e numa situação parecida com a de países como o Paquistão

Pelas estatísticas do IBGE, quase a metade da população brasileira considerada economicamente ativa não tem carteira assinada nem direito aos benefícios sociais dos demais trabalhadores.

